

ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios*. São Paulo, Annablume, 1995, 184 p.

O PROVÉRBIO: UM OBJETO CURIOSO

O provérbio é um objeto curioso. Já foi soletrado em todos os tons, mas ainda não se sabe realmente como pode marcar tão bem o tom de um discurso. Foi esse estranho destino que chamou a atenção de Regina Rocha, membro de um grupo de pesquisa de orientação lexicográfica sobre o fenômeno proverbial.

O provérbio é discurso -embora aparentemente não compartilhe seu condicionamento ou topografia-, e um discurso *sui-generis* de fato, já que obriga seu usuário a não alterá-lo. Numa perspectiva discursiva, a questão básica colocada pela eficácia social do provérbio pode, então, formular-se do seguinte modo: como é possível a esse enunciado fixo, que pela sua generalidade é literalmente diferente do discurso de cada sujeito, manter sempre o mesmo significado do discurso de tais sujeitos, e se transformar sistematicamente em instrumento individualizador de sua argumentação? Como já se deve ter pressentido, é nessa segunda perspectiva, enunciativa, que se inscreve totalmente a reflexão de Regina Rocha, levando-a a abordar o provérbio sob o ângulo de seus usuários, como o que ela denomina uma “frase feita, o discurso do Outro, sempre citado ou reenunciado, e reenunciável” no curso de um intercâmbio profundamente dialógico.

Para compreender a atividade dos sujeitos em seus modos de dizer, Regina Rocha remonta sistematicamente do enunciado proverbial ao enunciável que ele corrobora no jogo intersubjetivo da enunciação. A partir do pólo de atração constituído pela teoria de Benveniste, mas com amplas referências a conceituações diversificadas, de M. Bakhtine a I. Blikstein e J. Authier, de A. Culioli a O. Ducrot, passando por J. Rey-Debove, J.L. Austin e ainda J. Searle, Regina Rocha busca e detecta assim as menores incursões do sujeito no provérbio. Graças às análises precisas da diversidade dos modos de inscrição da subjetividade na estereotipação, dos pronomes pessoais e da ancoragem espaço-temporal às modalidades intra ou interdiscursivas e os valores ilocutórios, é no fundo o delicado problema da ligação entre a constituição do sentido e a do sujeito que Regina Rocha trata.

Identificado com o discurso em instância de enunciação, o provérbio portanto não aparece mais aqui restritivamente como a tradução de uma cultura, mas

sim como um processo de construção de valores sociais, em sua própria formulação. Assumindo-o, o sujeito encontra nele a força de seu propósito, marca de uma coerência que ele dirige, em parte sem o saber, mas totalmente em seu discurso.

Patrick Dahlet
Professor da Universidade de São Paulo e adido da França no Brasil